



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de apresentação das Ações de Educação Alimentar e Nutricional**

**Palácio do Planalto, 15 de outubro de 2004**

Eu vou começar economizando as palavras, não lendo a nominata e repetindo o nome de todas as autoridades, porque já foram citados tantas vezes os nomes de vocês, que daqui a pouco vocês poderão se candidatar a vereadores que serão eleitos em muitos lugares. E essas crianças também devem estar se perguntando: por que essa gente grande fala tanto?

Eu penso que estarmos, hoje, no Dia Mundial de Combate à Fome e Desnutrição, no dia em que a gente discute um problema crônico no Planeta Terra, seja, possivelmente, um problema daqueles que têm consciência no mundo, porque, normalmente, quando discutimos a questão da fome, discutimos aqueles que não têm nenhuma organização, aqueles que não têm sindicato, aqueles que não estão em partidos políticos, aqueles que, muitas vezes, não podem ir à igreja, aqueles que não têm organização não-governamental, ou seja, são os excluídos do direito mais elementar que está contido na Bíblia, nas constituições de todos os países, em todas as leis aprovadas pelo ser humano. E o que nós estamos fazendo, aqui, no Brasil, é mais do que uma política de combate à fome.

Eu perguntava agora ao Clayton, presidente da Embrapa, quanto é que nós utilizamos do potencial do nosso cérebro quando passamos pela Terra. E ele dizia: “olha, há quem diga que o ser humano só utiliza 5% da inteligência que está acumulada no seu cérebro.” É muito pouco. Quando a gente exercita e, possivelmente, todos aqui estão utilizando hoje 6%, ou seja, 1% a mais da inteligência é essa política de solidariedade que o ser humano, quando provocado e motivado, se dispõe a fazer.



Meu caro Tobino, nós recebemos, aqui, o nosso companheiro presidente da FAO, o Jacques Diouf, e pudemos discutir um pouco com ele sobre o que estamos fazendo no Brasil. Certamente não estamos fazendo tudo que queremos fazer e nem era possível que tivéssemos feito. Mas nós temos provocado o mundo a discutir um assunto com o qual, normalmente, quem come não se preocupa. Estamos tentando provocar o lado bom que todo ser humano tem. Daí eu agradecer a todos vocês que estão, aqui, participando deste ato, porque fica demonstrado que quando o governo se coloca no papel de indutor, convoca e provoca a sociedade a fazer mais do que habitualmente nós fazíamos, a sociedade responde prontamente.

Eu não sei – talvez os mais velhos que eu possam dizer – se em algum momento, no Brasil, houve uma movimentação de solidariedade como está acontecendo em função do programa Fome Zero. Não sei se em algum momento, na história do Brasil, o povo foi tão solidário, tão despojado de si mesmo, para perceber que todo mundo pode contribuir um pouco mais com políticas; que as pessoas acreditam, estão vendo e sentem que o benefício é direto e, o resultado, imediato. E o programa Fome Zero despertou isso, despertou a maior campanha de solidariedade que eu já vi neste país.

Eu penso que os empresários que estão aqui nunca foram tão motivados a participar de uma campanha como estão. Na quarta-feira que vem eu vou na inauguração da Feira do Automóvel, que é um dos grandes eventos do Brasil e, pela primeira vez, vai ser decidido que todo dinheiro arrecadado na feira será distribuído para instituições que trabalham com o Fome Zero.

Tenho recebido notícias de jogo de futebol, de rodeio, de feiras agropecuárias, de tudo que é feira que se faz no Brasil, todas, show de artistas, teatro, apresentação de filmes, shows musicais dos mais famosos artistas do Brasil, nós estamos recebendo a informação de que as pessoas fizeram um show e doaram toda a arrecadação para o programa Fome Zero.

Aí eu fico mais feliz, Meneguelli, porque eu era constituinte quando



surgiu a idéia de acabar com os três “S”. Havia quem dissesse que era preciso acabar com o Sesi, com o Senai e com o Senac, porque ali se gastava dinheiro à toa, porque o trabalhador não participava e que não sei das quantas. Eu, na época, discursava dizendo que só poderia propor acabar com o Sesi, com o Senai e com o Senac quem não conhecia por dentro o Sesi, o Senai e o Senac e que os defeitos que poderiam ter esses três “S”, a gente corrigiria por dentro, mudando as pessoas na medida em que a gente fosse ocupando espaço e discutindo os avanços democráticos

Você que foi presidente da CUT, que foi muitas vezes tratado como demônio por muita gente, foi chamado de companheiro pelo Vice-Presidente da CNI e você, hoje, é o presidente do Sesi. Não precisou ter briga, não precisou nenhuma guerra, apenas um aumento da civilização da humanidade, a construção da mais verdadeira democracia, sem que ninguém fizesse qualquer objeção que o ex-presidente da CUT virasse presidente do Sesi.

Isso fez com que a relação estabelecida entre governo e empresários, entre trabalhadores e empresários, permitisse que hoje nós estivéssemos aqui recebendo esses caminhões, vendo essas nossas merendeiras, que serão educadoras, ajudar tanta gente na periferia a aprender a fazer, cada vez melhor e cada vez mais gostosas, as comidas que as pessoas comem. E aproveitar corretamente algumas coisas que, por falta de educação, a gente joga no lixo. E muitas vezes jogamos fora o melhor e comemos o pior por pura ignorância, por pura falta de informação.

Então, nós não poderíamos comemorar de forma mais alegre e mais feliz esse dia 16 de outubro, porque é o dia em que o Brasil mostra ao mundo que combater a fome não é uma responsabilidade e um problema apenas do governo, é um problema que tem que ser assumido pela sociedade brasileira. Da mesma forma que combater o analfabetismo não pode ser apenas uma responsabilidade do governo, tem que ser uma tarefa assumida por muita gente na sociedade. E o mais interessante é que as pessoas estão ávidas, as



peças estão quase pedindo: “me chamem que eu quero participar”. O papel do governo, então, não é o de se fechar na burocracia de um gabinete, de um secretário, de um ministro, de um chefe não sei das quantas; é abrir espaço para que a sociedade faça do jeito que ela quiser fazer, como ela puder fazer, a sua parte.

Eu confesso a vocês que eu nunca quis saber para quem é que vai a comida arrecadada no show de tal artista, o que importa é que eu tenho consciência que se o cara foi capaz de fazer um show e arrecadar dinheiro, numa atitude nobre, muito mais nobre ele vai ser em escolher as instituições que vão receber aquilo. E se as pessoas receberem e comerem, eu não quero saber de que partido são, de que igreja são, para que time torcem, que escola de samba preferem ou qualquer coisa. Eu só quero saber se tomaram café da manhã, almoçaram, jantaram. Então, vão estar com energia suficiente para brigar pelas outras coisas que o Estado tem por obrigação oferecer.

Meus queridos, eu quero agradecer a cada um de vocês, quero dizer que o Sesi, nessa atitude, está fazendo com que o seu S valha muito mais. Se fosse colocado na Bolsa de Valores hoje, certamente o S do Sesi valeria infinitamente mais do que há três ou quatro anos atrás, porque esse gesto mostra que o Sesi se descobriu ainda mais para fazer as coisas que nunca deveria ter deixado de fazer.

E aí eu termino dizendo que uma das crenças que tenho é que não tem ser humano totalmente ruim, não tem ninguém cem por cento ruim, como não tem ninguém cem por cento bom. Todo mundo tem um lado bom, um lado ruim, tem uns mais ruins, outros melhores. Mas o que estamos fazendo com essa campanha é deixar o lado ruim guardado numa gaveta, pensar não apenas com a consciência, mas pensar com o coração, porque eu não acredito, meu querido Tarso Genro, que algum governante, no mundo, possa governar corretamente se não pensar 50% com o sentimento de seu coração, com o sentimento do ser humano. Não é possível ficar apenas com as coisas



racionais. Um pouco de irracionalidade, um pouco de emoção é que faz com que um governante tenha sensibilidade para olhar para aqueles que, muitas vezes, não estão nem nas ruas quando passa a carreata de um candidato.

Meus parabéns, companheiro Patrus. Pode ficar certo que nós somos muito jovens ainda e temos um compromisso de, em dois anos, atingir a totalidade das pessoas que, segundo o IBGE, estão passando privações de alimentação. É uma vergonha que morram 11 crianças, por minuto, de fome; é uma vergonha que a produção de alimentos *per capita* no mundo tenha crescido quase 30% e que 840 ou 833 milhões de seres humanos não tenham o que comer. Se nós temos tecnologia, se nós temos produção agrícola, se nós temos a comida necessária, mais vergonhoso ainda, mais antiético e mais inadmissível é que tenha gente passando fome.

Então, eu penso que nós estamos cumprindo com uma tarefa mais nobre do que dar 78, 80, 90, 100 reais para uma pessoa. É a tarefa de fazer com que esses seres humanos recuperem aquilo que nunca poderiam ter perdido, que é a sua auto-estima e sua dignidade.

Quero terminar dando os parabéns aos professores brasileiros pelo seu dia. Essa categoria que tem tanta responsabilidade, que muitas vezes foi tão esquecida, durante tantos e tantos anos, e que tem a responsabilidade de cuidar das crianças pobres e das crianças ricas na escola, que tem a responsabilidade de ensinar às crianças, muitas vezes, aquilo que a mãe não sabe, e tudo que ele aprendeu para ensinar. Essas pessoas, para fazerem isso com gosto e prazer, também precisam se sentir valorizadas, respeitadas. Muitas vezes as pessoas pensam que é apenas a questão de salário. Eu acho que o salário é um item. Muitas vezes é o afeto, é o relacionamento, é o respeito, é o carinho daquele que tem responsabilidade – daquele que é governo, que é ministro – com os educadores, para se sentirem prazerosamente recompensados por ajudar a criar as futuras gerações do nosso país.



Muito obrigado. Parabéns a todos vocês, parabéns ao ministro Patrus, aos empresários e, sobretudo, ao Sesi.